

O CENÁRIO RIO-GRANDENSE EM TEMPO DE SIMBOLISMO

Maria de Lourdes Fan Guimarães

O espaço gaúcho fora despertado, ao findar o século, por acontecimento político de importante transcendência — a Revolução de 1893. Dirigia o Rio Grande, o Dr. Júlio de Castilhos e, não podendo ser evitada, desencadeava a tempestade revolucionária. Nosso Estado era invadido pela fronteira com Bagé, por fortes contingentes. A Revolução se expandia na fronteira sudoeste; ganhava terreno nas missões; os chefes revolucionários eram derrotados, um após outro. No centro do Estado os movimentos rebeldes se faziam sentir; e a zona da Campanha, em poder dos revolucionários.

É página sombria da História local, guerra civil violenta, que deixou como rastro, enorme sementeira de rancores, pois nasceu do ressentimento entre homens, na disputa do poder.

As lutas continuaram por todo o território gaúcho, entre federalistas e republicanos com empolgantes lances de bravura.

No outono de 1894, a Revolução estava em decadência, entretanto a paz só existiria um ano depois.

Somente a 24 de junho de 1895, os cidadãos derramariam seu último sangue nessa pungente luta.

No terreno cultural, alguns intelectuais premidos por violências saíram do Rio Grande, indo viver no Prata, em outros pontos do nosso país ou mesmo no exterior.

O ambiente de luta, fez com que ficassem despercebidas obras de alguns autores. Principalmente por motivos políticos, devido as oposições partidárias.

No âmbito literário, esta situação abrasada de paixões fez com que o crepúsculo do século anterior fosse sombrio e melancólico.

Enquanto em outros países, estivessem imigrados inúmeros

gaúchos, não reinaria no Rio Grande do Sul, a paz que, enfim a 23 de agosto de 1895 era assinada, na cidade de Pelotas. Durara a luta trinta e um meses e aproximadamente 10.000 vítimas havia feito, além dos inumeráveis prejuízos.

Na Revolução de 1893, a generosidade era uma excessão, bem ao contrário do que ocorre na Revolução de 1923, quando a generosidade era uma regra.

Finda a Revolução Federalista, Júlio de Castilhos governa o Estado por mais de dois anos e transmite o poder ao Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, a 25 de janeiro de 1898.

O prestígio de Júlio de Castilhos veio de sua cultura, inteligência e formação moral. Instituiu várias melhorias ao povo gaúcho. Como jornalista e pensador deixou valioso acervo de trabalhos.

Seu substituto, Borges de Medeiros, preocupou-se com a consolidação das finanças, com a instrução, principalmente a superior e profissional. Enfim, realizações que fizeram do Rio Grande um modelo de ordem e moralidade administrativa.

Carlos Barbosa é o sucessor de Borges de Medeiros, eleito e empossado a 25 de janeiro de 1908. Realizou obras de utilidade pública e o ambiente era de paz política; ligeiramente alterada pelos acontecimentos nacionais: a eleição presidencial e a propaganda de Rui Barbosa.

A 25 de janeiro de 1913, prolongando-se até 1928, por reeleições, Borges de Medeiros governa o Rio Grande do Sul. Novas realizações no Estado, principalmente na capital gaúcha, foram notáveis.

Por motivo de doença do Dr. Borges de Medeiros, exerceu o governo o General Salvador Pinheiro Machado.

A 25 de novembro de 1917, volta ao poder Borges de Medeiros, é um período de completa tranquilidade.

O pleito presidencial de 1922, onde Nilo Peçanha e Artur Bernardes, disputaram a presidência da República, foi o início de perturbações. Bernardes venceu, apoiado no Rio Grande do Sul pelos federalistas.

Borges de Medeiros é proclamado reeleito para o período de 1923 a 1928.

Os acontecimentos sucederam-se de forma tal que, em março, a campanha rio-grandense se achava agitada. Vários combates se travaram entre as forças de Honório e Flôres, sendo o principal o de Vista Alegre. E no combate de Poncho Verde, mencionamos aqui fato importante, contava-se entre os mortos Alceu Wamosy, o grande poeta, que na ocasião servia no posto de tenente-secretário, com a liberdade de combater.

O Tratado de Pedras Altas, pôs fim a guerra civil que entrou para a História com o nome de Revolução de 1923. Foi essa uma luta civil, relativamente humana; sob o aspecto militar, o mais fraco dos movimentos revolucionários, até então ocorridos no Rio

Grande do Sul. Durou 10 meses e os combates não foram decisivos e sim lutas dispersas pelas campanhas, com agitações e tiros.

Porém, o aspecto cultural, nesse período histórico marcava época.

Os principais órgãos de publicidade que por esse tempo circulam são: a "Federação", "Correio do Povo", "Gazeta do Comércio", o "Diário", a "Noite", o "Estado do Rio Grande" em Porto Alegre. O "Dever", em Bagé; a "Gazeta de Alegrete", em Alegrete; a "Opinião Pública", em Pelotas; o "Diário do Interior" em Santa Maria; o "Eco do Sul", em Rio Grande.

Editam-se também diversas revistas, como "Máscara", "Revista do Globo", "Ilustração Palotense".

As obras literárias da nova geração, em geral, são plenas de interioridade; onde o autor afasta-se, em sua maior parte, fugindo ao passado heróico do Rio Grande. Predominam uma musicalidade e uma temática, onde se pode notar esta particularidade. As noites de inverno, os poentes de outono, as linhas mal delineadas da paisagem e toda uma natureza simbólica, desperta a sensibilidade dos autores.

No momento de exaltação, ao despertar de um século, era possível contemplar atuando nas lides literárias gaúchas, inúmeras figuras, sendo que desabrocharam brilhantemente; no século atual, nomes como:

ZEFERINO BRASIL

MARCELO GAMA

CÉSAR DE CASTRO

ALVARO MOREYRA

JOSÉ PICORELLI

HOMERO PRATES

FILIFE D'OLIVEIRA

EDUARDO GUIMARAENS

ALCEU WAMOSY

REINALDO MOURA

ATHOS DAMASCENO FERREIRA

TEODOMIRO TOSTES

ZEFERINO BRASIL (1870 — 1942)

Zeferino Brasil, nasceu a 24 de abril do ano de 1870, próximo ao Taquari, no Rio Grande do Sul.

Foi poeta desde seus 14 anos e exerceu atividades jornalísticas.

Sua popularidade e estima na terra gaúcha foi se firmando, iniciou neo-romântico, tornou-se simbolista e mais tarde é influenciado por Bilac. Foi cognominado o "Príncipe dos Poetas do Rio Grande do Sul".

Deixou de existir a 3 de outubro de 1942, em Porto Alegre.

Seus obras: **Alegros e Surdinas**, 1891; **Traços Cor-de-Rosa**, 1893; **Vovó Musa**, 1903; **Visão do Ópio**, 1906; **Na Torre de Marfim**, 1910; **Teias de Luar**, 1924; **Alma Gaúcha**, poemas farroupi-lhas, 1935; **O Outro**, drama; **Esther**, Comédia; **Um homem de gênio**, Comédia; **Comédia da Vida**, Comédia.

MARCELO GAMA (1878 — 1915)

Possidônio Cezimbra Machado, o Marcelo Gama na Literatura, natural de Mostardas, no Rio Grande do Sul, onde nasceu a 3 de março de 1878.

Vivendo no seu Rio Grande natal e no Rio de Janeiro, foi jornalista e conferencista, também empregado de escritório comercial. Cronista e crítico literário no *Correio do Povo*, de Porto Alegre.

Quería o poeta viver no sonho e no mundo da poesia. Após uma vida irregular e boêmia, faleceu em 7 de março de 1915, no Rio de Janeiro, em consequência de um acidente.

Foi Marcelo Gama, poeta de penumbra e de intimidade, em sua poesia encerra achados verbais e psicológicos curiosos ou empolgantes, o que ocorre com frequência.

Obras poéticas: **Via Sacra**, Porto Alegre, 1902; **Avatar**, Porto Alegre; **Noite de Insônia**, Porto Alegre, 1907. Deixou inédito o **Violoncelo do Diabo**, poema e poemas dispersos.

CÉSAR DE CASTRO (1884 — 1930)

João César de Castro nasceu em Porto Alegre, dia 8 de fevereiro de 1884, filho do Capitão Antônio Gerasino de Castro e de dona Henriqueta Lindner de Castro.

Estudou na Escola Preparatória do Rio Pardo. Depois na Escola Militar do Rio de Janeiro, de onde foi desligado em 1904, motivado pela revolta de seu comandante, pelo caso da "vacina obrigatória", o General Silvestre Alves Travassos. Graças a intervenção de Rui Barbosa, os alunos foram anistiados e César de Castro pôde concluir seu curso na Escola de Guerra de Porto Alegre.

Em 1925 doutorou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Fundou as Revistas *Aldebarã* e *Ocidente*. Além de ser um dos fundadores, foi o primeiro presidente da Academia Rio-Grandense de Letras.

De temperamento esquivo, humanista, filólogo, a língua grega lhe era familiar. Empregava um vocabulário sobrecarregado de eruditismos, mas também de estranhos e pitorescos neologismos. Em sua obra, sofreu a influência de Raul Pompéia e a de Gonzaga Duque.

Ao falecer era tenente-coronel médico; ignorando-se a data exata de sua morte, ocorrida na Paraíba, durante a Revolução de 1930, pois nem seu corpo foi encontrado.

Seus obras: **Frutos do Meu Pomar**, 1910; **Peã — Ampolas de Escuma**, 1906; **O Esquife de Palissandra**, 1914; **Peã — Ampolas de Escuma**, seguido de **Frutos do Meu Pomar**, 1933.

ALVARO MOREIRA (1888 — 1964)

Álvaro Maria da Soledade Pinto da Fonseca Velinho Rodrigues Moreira da Silva, natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, nasceu em 23 de novembro de 1888. Filho de João Moreira da Silva e Maria Rita da Fonseca Moreira.

Estudou na sua cidade ingressando no Colégio Ivo Courseil, na Escola Brasileira e, depois no Ginásio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo.

Em 1908, entra no jornalismo, mais precisamente no *Jornal da Manhã*, onde encontra amigos e companheiros como Homero Prates, Eduardo Guimarães, Filipe D'Oliveira e outros, que juntos viriam a constituir a geração simbolista gaúcha. Inicia seus estudos jurídicos em P. Alegre e prossegue-os no Rio de Janeiro.

Integrou o grupo de o "Fon-Fon", de companhia com Raul de Leoni e Claudio Ganns. Fundou a revista "Para Todos", no ano de 1914. Colaborou na "Ilustração Brasileira", ativamente. Em 1927, fundou o Teatro de Brinquado, quando apresentou a peça *Adão, Eva e Outros Membros da Família*, representando ao lado de sua primeira esposa Eugênia Álvaro Morayra, atriz e declamadora.

Era palestrador cativante, atuou na Rádio Globo, participando da "Conversa em família".

Em sua obra *As Amargas, Não...* refere-se a Chopin, a Clotilde de Vaux, a Borges de Medeiros, à velha gente de Minas, a Taunay, a Carlitos (Chaplin) e a D. Quixote.

Faleceu a 12 de setembro do ano de 1964, no Rio de Janeiro. Seus obras: **Poesia: Degenerada**, 1909; **Casa Desmoronada**, 1909; **Elegia da Bruma**, 1910; **Legenda da Luz e da Vida**, 1911; **Lenda das Rosas**, 1916; **Circo**, 1929; **Caixinha dos Três Segredos**, 1933; **Prosa: Um sorriso para tudo**, 1915; **O Outro Lado da Vida**, 1921; **A Cidade Mulher**, 1923; **Cocaína**, 1924; **A Boneca Vestida de Arlequim**, 1927; **O Brasil Continua**, 1933; **Tempo Perdido**, 1936; **Teatro Espanhol na Renascença**, 1946; **As Amargas Não...** 1954;

O Dia nos Olhos, 1955; Havia uma Oliveira no Jardim, 1958. Teatro: Adão, Eva e Outros Membros da Família, 1929.

JOSÉ PICORELLI (1889)

José Picorelli nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, a 12 de maio de 1889.

Participou na capital gaúcha do movimento simbolista e integra o grupo reunido em torno do *Jornal da Manhã*, onde redigiu uma seção diária, assinando "Bastignac". Fundou em Porto Alegre, a revista "Pandemonium", em 1908, com V. Coaracy, dirigiu "O Patriota" e o periódico "O Ramalhete" com Jorge Jobim; colaborou no *Jornal do Comércio*, na *Revista Acadêmica*, em *Kodak* e a *Pena*.

Saindo do Rio Grande do Sul, exerceu o magistério em Minas Gerais e após, fixou residência no Rio de Janeiro, chegando a aposentadoria como delegado de Polícia.

Obras suas: **Jasmins ao Vento**, Porto Alegre, 1905; **Hino de Púrpura**, Porto Alegre, 1917.

HOMERO PRATES (1890 — 1957)

Homero Mena Barreto Prates da Silva é natural de São Gabriel, Rio Grande do Sul, onde nasceu em 01 de agosto de 1890.

Estudou no Ginásio Júlio de Castilhos e bacharelou-se em Ciências e Letras, no ano de 1908 e em Direito, no ano de 1912.

No Rio Grande do Sul, foi juiz municipal em D. Pedrito, advogou em sua cidade natal; no Rio de Janeiro, foi oficial da Secretaria da Justiça e auditor de Guerra. Presidiu a 3.ª Junta de Conciliação e Julgamento do Distrito Federal.

Partenceu a derradeira geração simbolista do movimento rio-grandense. Exerceu a crítica literária em *O País*, no Rio de Janeiro, de 1919 a 1924. Dirigiu a revista *Panóplia*, em São Paulo, junto a Guilherme de Almeida.

A 14 de novembro de 1957, falecia Homero Prates no Rio de Janeiro.

Obras poéticas: **Horas Coroadas de Rosas e de Espinhos**, Rio de Janeiro, 1912; **Torre Encantada**, São Paulo, 1917; **No Jardim dos Ídolos e das Rosas**, Rio, 1920; **Orfeu**, São Paulo, 1923; **Ao sol dos Pagos**, Rio, 1939; **Morte de Ariel**, O sonho de D. João e Paraísos Interiores.

FILIFE D'OLIVEIRA (1891 — 1933)

(Filipe D'Oliveira) Filipe Daudt D'Oliveira nasceu em Santa Maria da Boca do Monte, Rio Grande do Sul, em 23 de agosto de 1891.

Desde os 16 anos, com acentuada tendência simbolista, interfeitu no movimento. Colaborou no *Jornal do Comércio*, no *Correio*

do Povo, a lado de Álvaro Moreyra, Eduardo Guimarães, Homero Prates, Francisco Barreto.

Foi para o Rio de Janeiro, em 1911, incorporando-se ao grupo do *Fon-Fon*; definiu-se publicando a obra simbolista, **Vida Extinta**.

Após a revolução de 1932, foi exilado para a França, onde faleceu num desastre de automóvel, perto de Paris, a 17 de fevereiro de 1933.

Em sua homenagem, foi criada a Sociedade Filipe D'Oliveira, que tem concedido prêmios literários e publicado as suas obras e as do seu amigo Marcelo Gama, bem como um boletim periódico, *Lanterna Verde*.

Obras poéticas: **Vida Extinta**, Rio, 1911; **Lanterna Verde**, Rio, 1926; **Alguns Poemas**, Rio, 1933; **Terra Cheia de Graça**, Rio.

EDUARDO GUIMARAENS (1892 — 1928)

Eduardo Guimaraens nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 30 de março de 1892. Filho do jornalista Gaspar da Costa Guimarães e Balbina Silveira.

Estudou na escola pública da prof.ª Isabel Gama, passando depois para o Colégio Rio-Grandense, e a seguir o Ginásio Júlio de Castilhos. Aos 13 anos já fazia versos e aos 16, editou seu primeiro livro, "Caminho da Vida", ajudado por seu pai. Colaborou no *Jornal do Comércio*, na *Folha da Manhã*, no *Diário*, em *A Federação* e no *Correio do Povo*.

Seu livro principal, **Divina Quimera**, imprimiu em 1916, no Rio de Janeiro e, como bibliotecário, estudou a organização da Biblioteca Nacional. Colaborou em *A Imprensa*, na *Boa Hora* e no *Fon-Fon*. Dirigiu as revistas *Mensário do Sul* e *Máscara*.

Casou-se em 1921, com Etelvina Barreto.

Muito doente foi para o Rio tratar-se, porém não o fez, porque faleceu na madrugada de 13 de dezembro de 1928, no Sanatório Guanabara.

Eduardo Guimaraens fez traduções em *As Flores Do Mal*, de Baudelaire; as *Fetes Galantes*, de Verlaine, apud M. Barnardi; e ainda Rabindranath Tagore, Heine e inúmeras poesias francesas e hispanco-americanas. Sua tradução do Canto Quinto da *Divina Comédia* é por muitos considerada a melhor, em nosso idioma.

Obras: **Divina Quimera**, Rio, 1916; **A Divina Quimera**, edição definitiva (contendo toda sua obra, excluídas as traduções), P. Alegre, 1944.

ALCEU WAMOSY (1895 — 1923)

Alceu Wamosy nasceu em Uruguaiana, Rio Grande do Sul, a 14 de fevereiro de 1895.

Seu nome "Alceu" foi sugerido por Guerra Junqueiro, poeta de **Os Simples**, por solicitação de seu pai, José Afonso Wamosy.

Estudou na Escola Pública Elementar em Uruguaiana, indo residir depois em Alegrete, onde com apenas 15 a 16 anos iniciou suas lides jornalísticas, no jornal **A Cidade**.

Em Porto Alegre, no ano de 1914, colaborou em **A Federação** e **O Diário**. Vai para um estágio na fronteira e volta a Porto Alegre, em 1918, colaborando em **A Máscara** e **A Notícia**; indo neste mesmo ano residir em Santana do Livramento onde dirigiu o Jornal "O Republicano".

Wamosy que nascera quando escorria o sangue da Revolução de 1893, julgou um dever alistar-se em 1923, num batalhão governista, no posto de alferes-secretário, participando do movimento que dividia o território gaúcho. Quis combater e o fez em Santa Maria Chica e na Ponte do Ibirapuitã.

Foi baleado no Combate de Poncho Verde. Levado para Livramento, faleceu a 13 de setembro de 1923. Foi casado com Maria Bellaguarda, para quem escreveu "Cora de Sonho."

Obras: *Flâmulas*, Alegrete, 1913; *Na Terra Virgem*, Alegrete, 1914; *Cora de Sonho*, 1923; *Poesias*, P. Alegre; e muita matéria poética dispersa e inédita "*No Jardim das Estátuas Tristes*" — poemas em prosa.

REYNALDO MOURA (1900 — 1965)

Reynaldo Moura, nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, a 22 de maio de 1900.

Estudou no Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, trabalhando em jornais, foi um dos fundadores da Associação Rio-Grandense de Imprensa. Colaborou com o *Correio do Povo* e *Ilustração Pelotense*. Foi redator do *Diário de Notícias* e da *Federação*, bem como do *Diário Oficial*.

A linha de Reynaldo Moura, situa-se na de Mallarmé e Valéry, assim como também na de Francis Jammes.

O seu verso livre não é tumultuário, a prosa é elevadamente poética.

O lírico Reynaldo Moura faleceu a 12 de junho de 1965, em Porto Alegre.

Obras poéticas: *Outono*, Porto Alegre, 1936; *L'Après Midi d'un Faune*, Porto Alegre, 1940; *Mar do Tempo*, Porto Alegre, 1942; *Anchieta Escreve Junto ao Mar*, Separata da Revista Veritas, P.U.C., Porto Alegre, 1964. *Noite de Chuva em Setembro*, novelas, 1939; *Um Rosto Noturno*, 1946-1956 (2.ª edição); *O Poder da Carne*, 1946-1959 (2.ª edição); *Romance no Rio Grande*, 1958; *A Estranha Visita*, 1962; *Intervalo Passional*, Rio, 1944; *A Ronda dos Anjos Sensuais*, Porto Alegre, 1935.

ATHOS DAMASCENO FERREIRA (1902)

Athos Damasceno Ferreira nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 03 de setembro de 1902.

Dedicando-se ao jornalismo, colaborou em *Máscara*, *Ilustração Rio-Grandense*, *Tribuna Popular*, *Gazeta do Povo*, *Federação* e revista *Província de São Pedro*.

Seu simbolismo foi influenciado por Mallarmé, Verlaine e Rodenbach.

Publicou Athos Damasceno, trabalhos de historiografia e erudição literária.

Obras: *Poemas do Sonho e da Desesperança*, P. Alegre, 1925; *Lua de Vidro*, Porto Alegre, 1930; *Poemas de Minha Cidade*, Porto Alegre, 1938; *Menininha*, Porto Alegre, 1938; *Jornais Críticos e Humorísticos de Porto Alegre no século XIV*, P. Alegre, 1944.

TEODOMIRO TOSTES (1903)

Teodomiro Tostes nasceu em Taquari, Rio Grande do Sul, a 10 de fevereiro de 1903.

Em sua vida intelectual, dirigiu a revista "Madrugada". Colaborou em órgãos da imprensa, como "O Radical", do Rio de Janeiro.

Ingressou e continua na carreira diplomática.

Obras: *Novena à Senhora da Graça*, P. Alegre, 1928; *Bazar*, P. Alegre, 1931; *Canção Preludiada*. A destacar, o seu cântico de louvor a São Francisco de Assis; *Laudato Si*, Rio de Janeiro, 1952. Poema "*O Criação e as Rosas*", revista "Madrugada", em 1926.

BIBLIOGRAFIA:

- * CESAR, Guilhermino. **HISTÓRIA DA LITERATURA DO RIO GRANDE DO SUL**. Ed. Globo, Porto Alegre, 1971.
- * FILHO, Arthur Ferreira. **HISTÓRIA GERAL DO RIO GRANDE DO SUL**. Ed. Globo, Porto Alegre, 1960.
- * MURICY, JOSÉ CÂNDIDO DE ANDRADE. **PANORAMA DO MOVIMENTO SIMBOLISTA BRASILEIRO**. Conselho Federal de Cultura e Instituto Nacional do Livro, Brasília, 1973, 2.ª Ed., Vol. I, II.